**Reinvenção do agora e do porvir: novo livro dá a pensar nas mudanças climáticas para além do já dado**

Por: Gláucia Pérez

Editora: Susana Dias

O livro “Conversas Infinitas: mudanças climáticas, divulgação científica, educação e...” trata das mudanças climáticas e do Antropoceno, mas não da forma convencional como lemos habitualmente, ou seja, como um problema já dado e com soluções prontas e acabadas, mas a partir de novas perspectivas, que nos colocam para pensar. É um livro escrito por 25 professores e pesquisadores das humanidades e das artes, que fazem parte da Rede Divulgação Científica e Mudanças Climáticas, e propõe uma multiplicação dos funcionamentos de noções como fim de mundo, negacionismo, mundo comum, ciência e público, entre outras. Como diz uma das organizadoras do livro, Susana Dias, no prefácio – “Dos exercícios de estar junto”: “Cuidar de uma atmosfera comunicante, neste livro, envolve abraçar a potência da ficção, da poesia, da multiplicação de signos e sentidos, ao invés da fixação e repetição de significados empobrecidos e já dados”. O livro foi lançado no dia 25 de novembro em dois encontros pelo Facebook e YouTube da Revista ClimaCom. O primeiro encontro às 17h abordou o tema “Clima, vida e negacionismo”, e o segundo, às 20h, com o tema “Antropoceno, modos de existência e mundo comum”, ambos com a participação de autores do livro.

Em um dos capítulos, os autores Bruno Stramandinoli Moreno, doutorando em Desenvolvimento Humanos e Tecnologias na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, e Carlos José Martins, filósofo e orientador de Bruno, nos dizem o seguinte: “Novas práticas ecológicas, novas práticas sociais, novas práticas sustentáveis, novas práticas de si na relação com o outro e na relação com o coletivo se fazem necessárias. E, com efeito, é exatamente na articulação desses diferentes planos, na condição onde estes possam ser reinventados, que pode surgir alguma saída às crises de grandes proporções da nossa época”. No capítulo, eles colocam o ser humano como um fator determinante nas mudanças climáticas. As ações humanas e suas interações com o social, ambiental, político, econômico e técnico-científico intensificam os fenômenos climáticos. Mas consideram, também, que através dessas interações é que acontecem as soluções e as respostas que precisamos para as catástrofes e as alterações que ocorrem no clima e planeta. Os autores complementam: “Contudo, o equilíbrio ambiental dependerá cada vez mais das intervenções humanas, uma vez que o que está em jogo é a necessidade de mutação na maneira de viver e interagir com o ecossistema do planeta”.

No capítulo o “Comum (in)tolerável: experimentações com palavras e imagens” , Wenceslao Machado de Oliveira Jr., professor da Faculdade de Educação da Unicamp, escreve: “A cada cinco linhas, *conversas infinitas*. Inquietantes para qualquer um que esteja minimamente envolvido com os problemas relacionados à comunicação e à educação”. No texto o autor nos traz a possibilidade de em uma imagem termos o meu mundo e o seu, e a conexão entre esses dois mundos que formam um comum. A imagem pode mostrar e nos dar a percepção de catástrofe, mas também de que ao nos encontrarmos em um mesmo local, há um comum que devemos preservar, um comum que pode existir: o eu *e* o outro. Não é necessário que o outro se transforme para que exista esse comum. É possível o eu *e* o outro se encontrarem e ao mesmo tempo manterem sua singularidade.

Em um capítulo que aborda os devires rio, mar e floresta da divulgação científica diante das mudanças climáticas, Susana Dias nos fala do trabalho desenvolvido pelo grupo multiTÃO e a Rede de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas com a revista ClimaCom desde 2014: “temos investido em encontros com diferentes pessoas e experimentado a divulgação científica como simbioses desprogramadas entre diferentes práticas, procedimentos e materiais para produção coletiva de visualidades e sonoridades”. Colocando em jogo uma ciência e uma divulgação que não estão prontas, apenas esperando um destinatário, mas que chamam a participar e a estar junto; a desenvolver, criar, e pensar nessas ciências e divulgações. A interdisciplinaridade é intrínseca a esse processo de estar e criar junto.

No texto a autora nos chama a pensar e fazer juntos, práticas tão esquecidas por pensamentos e ideias que já vem prontos e que ensinam a apenas pegar o que nos convém. Aqui a divulgação científica é pensada em grupo, há um junto para criar e desenvolver o que ainda não foi falado ou inventado. Artes, ciências e tecnologias se desenvolvem e se pensam juntas, há uma construção em comunhão. A leitura é um convite a pensar o agora, principalmente nesta época de distanciamento social, junto com um livro que relaciona mudanças climáticas, Antropoceno e muitos outros temas e que nos chama a reaprendermos a estar e pensarmos junto à Terra, aos rios, e ao ar, e assim propor possibilidades mais potentes para habitar o mundo e o que está porvir.